

O espetáculo “Quando Você me Toca” nas escolas: Currículo e propostas pedagógicas.

SARAH LEÃO LOPES; MARIA FALKEMBACH

Universidade Federal de Pelotas – sarah.leao.lope@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – mariafalkembach@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui descrito é o embrião de um processo artístico etnográfico, que busca analisar a recepção do espetáculo “Quando Você Me Toca” (QVMT) do grupo de dança-teatro Tatá, por alunos de ensino básico de escolas públicas, em Pelotas. A análise busca identificar possibilidades educacionais que surgem quando o objeto artístico aborda temas complexos, considerados tabus, como o ato de tocar e ser tocado - atentando para o processo de sensibilização que se dá a partir da fruição e da experiência estética, possibilitando um possível processo de re-significação e reflexão crítica dos temas supracitados. Nos interessa também, observar como o fomento da arte em instituições de ensino podem auxiliar para uma educação horizontal e libertadora.

Esta pesquisa é parte do projeto de pesquisa *Produção do corpo-sujeito nas práticas de dança*, em processo de unificação com o projeto de extensão *Tatá - Núcleo de dança-teatro*. Ambos os projetos são coordenados por Maria Falkembach, professora do curso de Dança - Licenciatura da UFPel. O grupo Tatá tem como uma de suas diretrizes levar espetáculos de dança-teatro para escolas e também para ambientes diversos, acreditando que é preciso levar arte até onde o povo está.

Em 2018 iniciou a circulação do espetáculo “Quando Você me Toca”. Vale acrescentar que o espetáculo tomou forma a partir do desdobramento da pesquisa de doutorado da coordenadora, que evidenciou a problemática questão do contato físico - elemento necessário para aulas de dança - dentro dos ambientes escolares que continham dança no componente curricular de Arte. Este ponto de partida nos colocou em um contínuo reflexivo de como se daria a recepção dxs alunxs e dos professorxs perante o tema, e se esta forma de tratar a questão, motivaria, acrescentaria, ajudaria ou até mesmo atrapalharia, possíveis reflexões e mutações críticas acerca do assunto.

O arsenal teórico desta pesquisa se vale desde de pedagogias da performance, pensando o conceito de uma pedagogia crítico-performativa como proposto por PEREIRA (2017), até noções de biopoder trabalhadas por FOUCAULT (1976), práticas de educação libertária, oriundas do pensador pedagogo Paulo Freire, que emerge em trabalhos sobre uma pedagogia transgressora como a proposta por HOOKS (2013). O cerne da questão que pontua a inclusão da dança no âmbito escolar veio da pesquisa de Falkembach (2019), também coreógrafa e diretora do grupo. O tema da sua tese de doutorado foi a dança nos componentes curriculares em escolas, pesquisa que em dado momento se debruça sobre a problemática da dança em sala de aula, quando esta pressupõe o ato dos alunos se tocarem uns aos outros. A ideia é pensar em como e quando, a partir do espetáculo de dança, e da experiência estética,

podem surgir ferramentas pedagógicas que dão conta deste tema tão caro a nós, que é o corpo em contato com outro corpo. Entendemos que as limitações do corpo são fronteiras borradas, difíceis de mensurar dentro das instituições sejam elas quais forem: família ou escola.

2. METODOLOGIA

Normalmente às quartas-feiras pela manhã o Tatá vai a algum colégio, de diferentes bairros da cidade, apresentar o espetáculo. Um circuito constante que se mantém de 2018 até o presente momento. Chegamos nos locais sempre uma hora antes do recreio, somos recebidos na sala de professorxs e posteriormente nos encaminhamos para o local aonde iremos apresentar. Nem todas as escolas oferecem estrutura específica para apresentações artísticas, houve momentos em que foi preciso criar o ambiente cênico dentro da sala de aula. Afastamos as cadeiras, criamos os espaços abertos, e delimitamos com uma linha imaginária o lugar correto para os que os alunos não “invadam o interior da cena”. Sempre há marcação de palco no momento que antecede o espetáculo, que é a organização dos nossos lugares e trajetos em cena, para nossos corpos conhecerem a espacialidade que iremos nos movimentar. Quanto espaço existe dentro de uma sala de aula?

Estas situações de adaptação elucidam justamente uma premissa proposta pela pedagogia crítica-performativa (PEREIRA, 2017): os pontos de possíveis transformações de um espaço *comum*, para um novo ambiente. Do simples gesto de tirar cadeiras da sala de aula para o acesso intimista que acontece quando os alunos participam como observantes dos nossos aquecimentos em grupo, há uma desconstrução do *performer* e também do espaço de cena, há também a desconstrução da sala de aula. Ali se forma um outro lugar, e aí está um primeiro passo de sensibilização. Antes da cena somos nós, crus, sem personas ou personagens, vulneráveis aos olhares curiosos. E mesmo com esta exposição prematura, é possível cativa-los durante a ação, é possível mostrar nosso corpo cotidiano e não perder o contato dado pela fruição.

Desde a nossa chegada até a nossa saída, existe um espectro de curiosidade e observação por parte de todo o corpo escolar: alunxs, professorxs, equipe da coordenação. Ressaltando que o espetáculo do Tatá é um espetáculo por vezes abstrato aos olhares que desconhecem este tipo de linguagem artística. Não se trata especificamente de uma peça infantil ou infanto-juvenil, as cores que utilizamos em nossos figurinos trazem a ideia de vários tons de pele, é uma tabela de cores diferente das hiper-coloridas que espetáculos pensados para público infantil contém. Não há cenário ou outros artifícios que não sejam nossos corpos. Ao chegar no ambiente escolar, podemos perceber uma atmosfera de dúvida e curiosidade do que está porvir, este sentimento reflete tanto no grupo Tatá quanto na escola.

No final de cada apresentação, há o momento de diálogo. Momento em que nós, dançarinx e diretora, temos a oportunidade de conversar com a plateia: o corpo de alunxs e professorxs dos colégios em questão. Somos nós, integrantes do grupo, xs encarregadx de conduzir uma mediação pós-espetáculo. Neste momento, sentamos frente-a-frente com as turmas que nos assistiram e começamos a conversar. Abrimos para perguntas e opiniões, e também indagamos sobre as percepções ocorridas durante o espetáculo. Recentemente

adotamos a prática de dar uma agenda para que xs alunxs escrevam suas percepções do espetáculo de forma anônima. Uma metodologia que se mostrou efetiva, pois pudemos observar outros aspectos no discurso dos alunos a partir da escrita. Como é uma pesquisa de cunho etnográfico qualitativo, as conversas vêm sendo gravadas e também se cultiva a prática de diário de bordo, assim é possível assinalar pontos e considerações relevantes que aparecem nas falas dxs alunxs.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nas conversas pós-espetáculo que temos a oportunidade de desenvolver a pesquisa, a partir das falas que alunxs e professorxs, e do olhar que nos trazem. Com estes diálogos é possível captar similaridades e também divergências no discurso. Por exemplo: A cena mais citada é a cena do paredão de choque, momento que falamos sobre violência policial. Nos fica o questionamento: por que uma cena que representa violência chama mais atenção do que as cenas que representam carinho e acalanto? Pudemos observar também que dependendo do bairro onde a escola se localiza, a narrativa da recepção traz consigo aspectos emergentes que são vivenciados pelos jovens. Exemplo: em uma escola localizada em uma comunidade em que há alto índice de assédio e abuso, ao serem questionados sobre o que compreenderam sobre o tema do espetáculo QVMT, a resposta foi “Violência contra mulher”. Ainda que o espetáculo tenha a premissa de suscitar problemáticas que vivemos dentro da política de gênero (patriarcal e machista), existem outras informações contidas no espetáculo que vão além desse recorte específico.

O hábito de ocorrer uma mediação pós-espetáculo cria abertura para que xs professorxs também participem ativamente de uma conversa horizontal com xs alunxs ali envolvidos. É comum que neste momento de diálogo, aconteçam interações que envolvam memórias e narrativas do cotidiano da escola. Situações de conflitos latentes são rememoradas e refletidas sob uma nova luz, assuntos problemáticos são colocados em pauta, sem causar o desconforto e o medo da punição que ocorre dentro das instituições. É um momento de alteridade, que todos se despem de seus papéis, e se propõem aptos para conversar e trocar experiências.

Nos interessa compreender como é a perspectiva do toque, do corpo, do afeto, a partir do que vivem os jovens na atualidade: atravessados por uma arcaica tecnologia disciplinadora e pelo influxo informativo da era virtual. Como esses jovens lidam com o toque nesse contexto histórico, no qual as opressões são nitidamente e constantemente denunciadas; em que, a discussão sobre gênero e sexualidade estão aparecendo mais do que nunca; ao mesmo tempo um contexto histórico que nos mostra um movimento crescente do conservadorismo fascista, excludente e violento que assola o Brasil?

Existem aspectos culturais que nos envolvem como sociedade e que submetem crianças e adolescentes a lógicas institucionais, extinguindo-as de seus papéis como agentes sociais. Compreendemos que, desde cedo, construímos nossa visão de mundo pautada no contexto em que existimos. É preciso assumir os *lugares de fala* (RIBEIRO, 2017) das crianças e adolescentes dentro da construção do todo social. É preciso também, saber por quais vias

pedagógicas podemos suscitar e despertar pensamento crítico e reflexivo. Se faz necessário uma linguagem que caiba no vocabulário destes jovens, que seja um vocabulário compreensível, acessível e que crie vias de identificação, fruição e experiência estética. O espetáculo QVMT vem mostrando que a arte, aliada à educação, torna possível este despertar, primeiro no corpo e no sentimento, para depois surtir no raciocínio.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa em processo vem explorando novas possibilidades no que se conhece como arte-educação, pensando novas abordagens pedagógicas, que dêem voz aos alunos e que suscitem autonomia de pensamento através da reflexão crítica causada pela experiência estética. A perspectiva da pedagogia crítico-performativa, que propõe levar e fazer arte na escola contribui com o fomento de uma educação que liberta, que desperta a sensibilidade e o senso crítico num espectro amplo, humano, empático, empoderado, que podemos pensar em transformações sociais nos mais íntimos, e problemáticos, aspectos. Através da experiência com o QVMT tem sido possível abordar temas complexos que circundam a vida humana, isto é, trazer esses temas para o currículo. Essa pesquisa investiga o QVMT nas escolas como possibilidade de currículo e método que pressupõem escuta, afeto, alteridade e autonomia de pensamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FALKEMBACH, M. Quando a Dança nos Toca: significados, ética e presença em práticas com toque no currículo **Revista Brasileira de Estudos sobre a Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2019.
- FOCAULT, M. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2014.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.
- PEREIRA, M. A. Pedagogia crítico-performativa: tensionamentos entre o próprio e o comum no espaço-tempo escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, SP, v.37, n. 101, p. 29 – 44, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.